

Costa de Oiro



1938 - JUNHO

1 \$ 5 0

OFERTA



PORTO SANDEMAN

AGENTE

ALVARO DE LACERDA

RUA DO ALFEGIM. 21

LISBOA



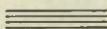
Costa de Oiro

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA REGIONALISTA

Director:
ANTÓNIO SABINO SIMÕES NETTO
Editor:
ANTÓNIO DA COSTA FERREIRA

Patrocinada pela
Comissão Municipal
de Turismo de Lagos

Prop. da Sociedade Propaganda da
Costa de Oiro (em organização)
Rua Dr. Joaquim Tello, 42 - Lagos

JUNHO - 1938  N.º 42

PORTUGAL MAIOR

Por A. S. SIMÕES NETTO

Disse algures um dos nossos eminentes estadistas: «O espírito do Império é um espírito de orgulho, de autoridade e de audácia, de decisão e tenacidade, inflexível muitas vezes diante dos indivíduos, certo de que tudo o que é nacional deve convergir para a realização do fim comum: o prestígio, a nobreza, a força da Pátria»

É esse prestígio, essa nobreza, essa força vão-se intensificando no nosso país em face da orientação dirigida pelos altos poderes da Nação.

Dois valiosos empreendimentos vimos traçados, nos últimos tempos, pelo Governo, demonstrando um tacto administrativo superior: as projectadas comemorações dos centenários da fundação de Portugal e da sua independência — em 1939 e 1940 — e a próxima visita de S. Ex.^{as} o Presidente da República e Ministro das Colónias a S. Tomé e Angola.

No primeiro, de transcendência invulgar no nosso meio, é preciso que o país coopere, real e activamente.

Tôda a nossa história é um corolário de virtudes e de feitos heróicos.

E' pois, necessário que, dentro do nacionalismo da época presente, essas

comemorações sejam como o cadinho onde se fundam todos os méritos da nossa raça, marcando o início dum novo ciclo de epopeias e de acção.

O Algarve, terra de lendas e de heróis, banhado por este mar azul que serviu o nosso sonho de aventura e nos deu para a história páginas brilhantes que são o orgulho da nossa gente, deve tomar parte activa nessas comemorações, demonstrando assim, que somos duma geração forte, posta de alma e coração a favor duma elevada obra construtiva.

Como tôda a terra algarvia, Lagos não deve ficar esquecida, apagada, perante esse movimento patriótico em que o espírito deve cooperar com o trabalho.

A nossa independência não seria, por certo, tão firme, os nossos territórios não teriam a vastidão que possuem, se alguns dos navegadores lacobrigenses não tivessem colaborado com o Infante na descoberta e no povoamento dessas ignotas paragens, arrostando com os perigos do mar, com a sede e com a fome.

E triste é dizê-lo; não há nesta cidade e na sua admirável baía, que Medina de Vasconcelos apresenta no seu poema heróico «Zargueida», nada que recorde

os feitos dos nossos antepassados, e poucos nomes se vêem em lugares públicos que lembrem os bravos mariantes de outrora.

A cidade que recebeu no seu seio, por algum tempo, o corpo dêsse herói, dêsse príncipe D. Henrique que tanto nobilitou a sua pátria, necessita de uma grande obra que marque o reconhecimento eterno dos portugueses pelos grandes feitos dos seus antepassados que tudo sacrificaram para que a pátria se engrandecesse.

Que a injustiça do passado seja remediada no presente.

Quanto à visita presidencial a duas das nossas colónias, trata-se dum acontecimento de elevado significado político.

Portugal mostra, por êsse meio, a todos os países coloniais, que as suas terras longínquas lhe merecem cuidados especiais, e que os seus governantes cumprem um dever de gratidão para com todos aqueles que em tão inhóspitas terras procuram — quantas vezes com o sacrifício da própria vida — nobilitar o nome de Portugal e garantir o direito à manutenção daquilo que

os nossos antepassados nos legaram.

E que enorme valor não tem para os portugueses que vivem nessas regiões, tanto os metropolitanos como os indígenas, a visita ilustre que vai ser realizada!

Só quem tem passado por essas longínquas paragens, tem sentido a nostalgia da pátria, e verifica a colaboração existente entre brancos e pretos, irmanados no mesmo ideal de engrandecimento da terra portuguesa, pode bem avaliar o que representará de invulgar e admirável a visita dessa embaixada de Portugal!

A bandeira bicolor, símbolo da nossa Pátria, que nós respeitamos e amamos com devoção, e que ali vêmos nos mais recônditos lugares onde impera a nossa soberania, tornar-se-há ainda mais bela, mais gloriosa, mais imponente, aos olhos dêsses portugueses.

Devemos pois, por todos os modos que dignifiquem, prosseguir — animosos — na obra grandiosa dum Portugal Maior, vencendo tôdas as dificuldades, por mais penosas que elas sejam.

E se o nosso prestígio fôr conjugado com o bem estar do povo, o reconhecimento da Nação não deixará, por certo, de se manifestar.

==== Jogos Florais de Lagos ====

A revista «Costa de Oiro» de colaboração com o «Jornal de Lagos», resolveu organizar um torneio literário e poético ao qual poderão concorrer todos

Regras a que obedecem os Jogos Florais

- 1.º São admitidos os seguintes géneros: Poesia lírica, poesia sugeita a mote, quadra popular e conto que não deverá exceder 7 páginas dactilografadas.
- 2.º Os originais que serão dactilografados, deverão vir assinados com um pseudónimo que será apôsto na parte exterior doutro subscrito devidamente lacrado, dentro do qual se contenha o verdadeiro nome do autor.
- 3.º A entrega dos trabalhos, que serão inéditos, far-se-á até ao dia 31 de Agôsto próximo e deverão ser endereçados às redacções do «Jornal de Lagos» ou da revista «Costa de Oiro»

os poetas e prosadores portugueses, e que terá lugar em Setembro próximo, constituindo um dos números das Grandes Festas da Misericórdia de Lagos.

- com a seguinte indicação: «Jogos Florais de Lagos»
- 4.º Os Jogos Florais realizar-se-ão na noite de 10 de Setembro próximo, em local que será oportunamente anunciado.
- 5.º Os prémios são constituídos por flores em prata, cuja indicação será feita em breve, e por diplomas de honra.

Mote

*Os teus olhos são escuros
Como a noite mais cerrada.
A-pesar-de tão escuros
Sem êles não vejo nada.*

UM GRANDE MINISTRO DO ESTADO NOVO

Eng. Duarte Pacheco

PELO DR. MANUEL ANSELMO



Novamente foi chamado a sobraçar a pasta momentosa e difícil das Obras Públicas e Comunicações, o ilustre e talentoso algarvio Senhor Engenheiro Duarte Pacheco, a quem o sol de Loulé alumiou os olhos e a quem a lição dos números e das máquinas virilizou a inteligência. Trata-se, sem dúvida, de um dos mais altos elementos consagrados pela política nova — que é intransigente na selecção dos valores e sábia e prudente na sua utilização. O país inteiro decorou o seu nome, com simpatia e apreço, logo que, após uma acção honrosíssima no Ministério da Instrução Pública, Salazar o chamou para a mais difícil pasta da acção: as Obras Públicas. Aí se manifestou (*the right man in the right place...*) gloriosamente a tendência realizadora do Sr. Engenheiro Duarte Pacheco: em breve o país se viu inesperadamente objecto de uma titânica reforma de melhoramentos e de transformações que só uma consciência moderna, revolucionária e inteligente, dos problemas nacionais poderia sancionar.

Sim, não haja dúvida. Os homens valem por si, pelos seus atributos naturais, pelo seu talento, pela sua cultura. Daí, o grande desgosto, o sincero desgosto, sofrido pelo país, quando Duarte Pacheco deixou pela primeira vez o Ministério das Obras Públicas. Sabia-se que a Câmara Municipal de Lisboa necessitava do estilo corajoso e moderno da sua acção desassomburada e inteligente; e todos se consolavam afirmando que, em outros rumos, a personalidade do Engenheiro Duarte Pacheco, ao mesmo tempo algarvia e europeia, melhores êxitos colheria. A-pesar disso, porem, todos tiveram pena, suspeitando, logo então,

que Duarte Pacheco era, em Portugal, pela sua anterior obra, pelas factas pessoalíssimas do seu talento, pelo seu carácter, pelos seus pergaminhos profissionais, o único que reunia as necessárias condições para realizar até ao fim, e sem desfalecimentos, a sua definitiva obra de acção.

O Algarve está de festa, e ainda bem. É seu filho aquele que, pela terceira vez, é hoje Ministro; o que é Presidente da Câmara Municipal e em poucos meses precisou as sóbrias linhas de uma política desassomburada e moderna; o que é Director do Instituto Superior Técnico, desde 1926, e nessa Escola universitária se revelou como *clerc* e como profissional de alto tomo; numa palavra, aquele que é um dos mais formosos valores do Portugal contemporâneo. Deixemo-lo, todos, trabalhar à vontade: e que Lagos confie, como sempre, na sua honradez de Ministro. Todo o País espera dele, e só dele, a obra de que se mostrou já capaz. O Algarve, e, especificadamente, Lagos, hão de agradecer-lhe, tenho a certeza, dentro de anos, o aformoseamento e os melhoramentos a que têm incontestável direito, pelas suas condições turísticas e nacionais. E' penhor seguro disso, a formosa e opulenta inteligência de tam dinâmico técnico da Acção!

C A M Õ E S . O

Na tarde de 10 do corrente realizou-se uma sessão solene na Escola Industrial de Victorino Damasio, de Lagos, para a inauguração dum baixo relêvo em bronze com a effigie de S. Ex.^a Dr. Oliveira Salazar e comemoração da data consagrada ao grande épico Camões.

Usou da palavra o distinto professor da referida Escola, sr. JOÃO DA CRUZ CARNEIRO DE ALMEIDA que foi escutado com vivo interêsse por todo o auditório.

Com prazer apresentamos, a seguir, parte dessa interessante palestra.

Para vos falar de Camões, para vos apresentar a figura dêste grande escritor gigantesca, como ela é, eu teria que reportar-me ao estudo da língua portuguesa ao findar do século XV e ao alvorecer do século XVI, o que nem cabe no âmbito dêsta simples palestra, nem poderia ser feito sem o grave risco de enfadar a selectissima assembleia que teve a amabilidade de vir aqui acompanhar-nos e dar brilho à nossa festa. Basta que vos afirme que o principal papel na fixação da língua pertenceu a Camões, o maior poeta da época e o maior poeta nacional. Diz-nos Ramalho Ortigão: «A língua pode dizer-se que foi Camões quem a criou, tal como ainda hoje se escreve e se fala, disciplinando-a, dobrando-a em tôdas as formas, tornando-a um dos mais poderosos e dos mais belos instrumentos das literaturas modernas. A poesia, na sua forma culta e literária, foi êle que a tornou compreensível e nacional, baseando-a na tradição do lirismo popular, libertando-a do convencionalismo clássico, dando-lhe os metros que mais quadram à locução vernácula, à fala, à cantiga, ao ouvido lusitano, escrevendo-a não para os eruditos, nem para os reis, nem para os cortesãos, nem para os sacerdotes, mas unicamente para o grande e incorruptível juiz supremo da arte — o povo». Da mesma maneira que posso afirmar, com Oliveira Martins, que os Lusíadas nos dizem tudo quanto no século XVI se sabia, é-me lícito asseve-

rar que a língua de então se encontra tôda em Camões. Não é hiperbólico o assêrto de Schlegel de que Camões representa, por si só, uma literatura inteira. Os Lusíadas! O que são os Lusíadas? Já no ano passado tive ocasião de vo-lo dizer, e, em anos anteriores, outro ou outros vo-lo terão dito melhor do que eu. Os Lusíadas são o pregão retumbante dos feitos heróicos dos nossos antepassados; êles são a maravilhosa história dos maravilhosos feitos dos nossos avós; êles são o grito mais altisono, mais eloquente, mais grandiloquo do valor daqueles que, tendo uma noção perfeitissima do que vale ter uma pátria, só para a pátria viveram, só para a pátria trabalharam, só para a pátria se sacrificaram e só pela pátria morreram. Os Lusíadas? São Afonso Henriques nas suas façanhas homéricas da fundação e alargamento de Portugal, são o esforço só português, só genuinamente português, sempre victorioso, por vezes — quantas vezes! — miraculosamente victorioso, dos reis conquistadores que nos campos da batalha e só aí viveram, lidaram, profiaram e triunfaram para nos legar êste cantinho de terra que é o nosso Portugal de hoje e que será amanhã o Portugal de vossos filhos. Os Lusíadas são a história de D. Deniz e de D. Fernando espalhando a instrução, fomentando a riqueza pública. São o caracter generoso e fidalgo de Afonso IV escrevendo na batalha do Salado uma das páginas mais brilhantes das cruzadas do ocidente; são o abismo de ternura da alma infeliz da linda Inês; são o esforço prodigioso dêsses aventureiros sublimes na sua triunfal viagem através de mundos desconhecidos. Os Lusíadas... são Portugal.

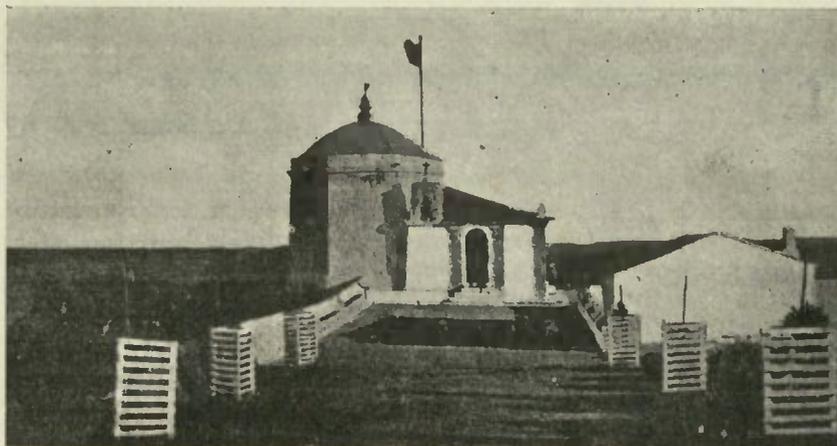
Jamais, meus amigos, appareceu uma profissão de fé mais convicta nos destinos, na immortalidade da pátria; jamais, até hoje, appareceu uma obra tão profundamente nacionalista como os Lusíadas. Jamais até agora appareceu um génio

P O E T A D A R A Ç A

como o de Camões que soubesse exprimir de uma forma tão verdadeiramente grandiosa tôda a grandiosidade de que é formada a alma lusitana. Na verdade, a maneira como Luís de Camões executou o seu plano sem cair na melopeia monótona das crónicas rimadas, é de um sábio artista da Renascença, possuidor da educação completa dos espíritos mais cultos da época. Para que a sua obra fôsse assim gigante entre as maiores, necessário se torna que a alma do poeta fôsse a encarnação perfeita do carácter português, fôsse a síntese completa de tôdas as virtudes da raça. Eis porque o dia de hoje, dia de Camões, é o dia da festa da raça. Alunos: No século XVI produziu-se um movimento literário, artístico e científico que se chamou a Renascença. Nos nossos dias uma nova Renascença aparece—a renascença do carácter, a renascença das virtudes cívicas, a renascença do amor pátrio. Se no século XVI a época do Renascimento, em Portugal, é caracterizado por um período de esplendor, resultante muito principalmente do desenvolvimento das descobertas e conquistas no ultramar, desenvolvimento que é a consequência lógica dos cuidados que a marinha mereceu a D. Deniz e a D. Fernando, das riquezas dos Templários que o primeiro destes monarcas teve o acêrto de não deixar sair do país, do génio excepcional e do saber profundo do Infante D. Henrique e do concurso todo feito de abnegação, de sacrifício e de patriotismo dos seus colaboradores, entre os quais os Lacobrigenses estão larga e distintamente representados, o Renascimento dos nossos dias caracteriza-se pelo despertar das virtudes cívicas que jaziam adormecidas pela acção narcotizante do liberalismo, e que Salazar soube estimular, e que sob a direcção de Salazar é já hoje árvore frondosa, e que sob o impulso e vigilância de Salazar é o penhor certíssimo dos dias felizes que já nos batem à porta, em

contraste flagrante com a desorientação que avassala o mundo de hoje. A' procelosa tempestade, nocturna sombra e sibilante vento que nos desagregavam e perdiam anteriormente ao 28 de Maio de 1926, o movimento chefiado por Gomes da Costa foi a manhã que nos trouxe serena claridade, esperança de pôrto e salvamento. Se a negra escuridade da desordem, da ruína, das lutas intestinas nos envolvia e nos asfixiava, Salazar foi o sol que removeu o temor ao pensamento. A alma de Camões, alunos, que êle nos legou nas 1102 estâncias que compõem os Lusíadas, tem sido e continuará a ser, pelo decorrer dos séculos, a fôrça oculta que impulsiona, sempre intensa, sempre viril, sempre vitoriosa, os actos dos portugueses quando se trata da salvação dessa bendita terra de Santa Maria da Vitória. Essa alma formosíssima tem sido, e continuará a ser, a vestal incansável e vigilante que alimenta o fogo sagrado diante do altar da Pátria. A chama reconfortante dêste fogo que tem aquecido o peito dos soldados portugueses nessas façanhas únicas que fazem da história de Portugal a mais brilhante de tôdas as histórias dos povos, é aquela que arde fulgurante no peito dêste Barão assinalado cujo medalhão temos a honra e o orgulho de inaugurar hoje na nossa Escola, dêste grande português que é Salazar, dêste verdadeiro herdeiro das virtudes dos nossos maiores que, pela sua obra salvadora já executada se foi da lei da morte libertando. O fogo sagrado alimentado pela alma de Camões é o que faz de cada português um soldado e de cada soldado um herói. Foi êle que abraçou Mousinho nas campanhas de África. Foi êle que alimentou a coragem fidalga de Sidónio Pais ao preparar, com o sacrifício da sua vida, o termo do reinado nefasto da maçonaria que nos governava,

(c o n t i n u a n a p á g i n a o n z e)



Antiga ermida da Senhora da Piedade

A antiga ermida da Senhora da Piedade, velha padroeira dos pescadores do Concelho de Lagos, foi demolida em 1911 pela necessidade de se construir o farol da Piedade no próprio local onde, há mais de um século, fôra erigida. Essa ermida já substituíra outra, mais antiga, como ela debruçada sôbre o mar, que o terramoto de 1755 destruíra. Ainda hoje a assinala uma velha coluna erguida num parcel vizinho, sôbre a qual se vê sempre — coisa curiosa — alguma gaivota.

Foi com desgosto que os pescadores viram demolir a sua velha ermida, porque nela viam o abrigo, a singela moradia, da velha protectora da sua arriscada, faina. A sua silhueta singela e branca, qualquer que fôsse o ponto em que pescassem, sempre os olhava, de perto ou de longe, sôbre os rochedos alterosos da Piedade!

A esta ermida se prendia a bela tradição do círio anual, com procissão, à Senhora da Piedade, em que todos os pescadores envergavam jubilosos a sua opa e, num rude entusiasmo, testemunhavam a sua fé, que os perigos do mar educara, e a sua alegria de viver...

A Senhora da Piedade tinha quinhão na lota, o que lhe garantia certa prospe-

A ERMI SENH

ridade: se faltava o peixe, faziam-lhe uma procissão e — dizem os ve-

lhos pescadores — nunca o peixe faltou com a permanência d'agora.

Estas festas eram ricas de colorido, fortes de vibração popular, e havia a certeza absoluta de que a Senhora pagaria com largueza, em montões de prata viva, quanto se gastasse em cêra, foguetes e flôres de papel...

Novos e velhos, lá estavam todos os pescadores de Lagos e redondezas, todos com as suas vestes domingueiras, cabeça descoberta sob o brazeiro do sol, os peitos floridos das insígnias santas, as mãos robustas e tostadas erguendo com alegria as velas e os pendões. Não faltava entusiasmo! As raparigas, com suas blusas berrantes, salpicavam de côr o longo acompanhamento, e em volta da ermida, à sombra dos toldos, nos recantos mais frescos e acolhedores, o farnel tinha tal sabor, que todos se congratavam com a vida, tam cortada de labutas e de perigos.

Mas um belo dia a Direcção de Faróis resolveu fazer demolir a velha Ermida, porque o local era óptimo para a construção dum farol. Nêsse dia, o Estado contraiu uma dívida para com os bons pescadores desta região. A bela luz que o farolim irradia é útil, é preciosa, mas veio amputar brutalmente uma tra-

DA DA

ORA DA PIEDADE

Por LEONEL VIEIRA

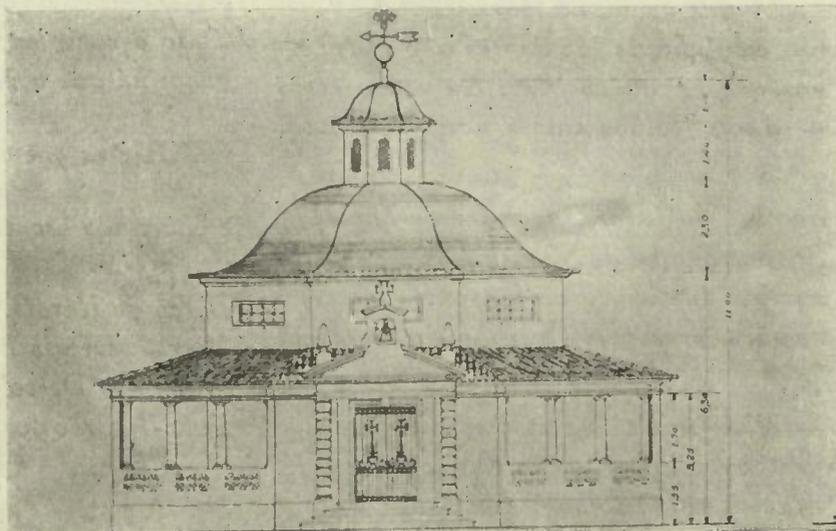
dição secular, e são as tradições que mantem a melhor expressão do carácter dum povo, definindo-o, dando-lhe, através do tempo, o amor de si próprio e permitindo-nos o encantamento de bem o compreendermos. E quando às tradições se juntam ritos de inocente alegria, júbilos colectivos de concórdia humana, maior crime se torna destruí-las.

Haverá o direito de se negar ao povo o que de melhor possa servir a desanuviar-lhe o coração? Haverá nestas velhas práticas algo de paganismo? Talvez, mas a alegria é tam necessária à alma, como o ar ao pulmão. E o povo carece de agitar-se livremente dentro do seu ambiente natural, accionado pelo seu gôsto e pelo seu sentir, fóra embora das doutas atitudes, que tam gratas são à nossa Academia... Pelo menos assim deverá ser, enquanto para governar rijamente o leme ou para cassar a vela não fôr necessário traduzir Virgílio, nem ler Sócrates ou Platão!

A reconstrução da velha ermida pagaria, portanto, uma velha dívida, permitiria renovar o en-

canto desta linda festa tradicional, reacenderia a chama espiritual da Fé numa classe votada a uma faina angustiosa, valorizaria êsses rochedos extremamente visitados da Ponta da Piedade e seria uma óptima inversão de capital, porque—como diz a tradição e ninguém tem autoridade para desmentí-la—a Senhora da Piedade pagará capital e juro com a abundância da pescaria...

E não será ainda benefício para desprezar o trabalho que essa construção proporcionará, num período em que o operariado da construção civil do Concelho suporta tam grave crise.



Projecto da ermida a erigir na Ponta da Piedade

costa de oiro - 7 -

A CASA DO ALGARVE organizou, na noite de 21 de Maio passado, um *Sarau Literário e Artístico* a que deu o nome de *FESTA DA PRIMAVERA*, e no qual colaboraram os melhores poetas e artistas algarvios que em rimas vibrantes, cheias de conceito, enalteceram este nosso Algarve, bêrço de santos e de heróis.

Do programa da festa transplantámos para aqui a poesia do poeta JOÃO BRAZ.

A L G A R V E

*Um Sonho de Conquista que se ergueu
ali no Promontório, a grande altura;
um rasgo de Epopeia; um desafio ao Céu
e à Terra, e ao Mar e ao Mundo!*

A Aventura

*gigantesca de um Povo de gigantes,
concebida p'lo grande Visionário:
...caravelas singrando na lonjura
por mares «nunca dantes violados»
guardados
p'lo fantasma do mêdo milenário...*

*Facho que abriu, na treva secular,
um caminho de luz dantes não visto;
voz que gritou ao Mar: Eu vou passar!
—vá! de joelhos ante a Cruz de Cristo!*

*Sombra do Infante taciturno e Forte
Senhor-Feudal do Mar, ungido em Graça!
sombra que apavorou a própria morte,
sombra presença, Orgulho duma Raça!*

*—Olhos negros de moiras encantadas
deambulando, ardentes, p'los caminhos...*

*—jóias de alto valor, amadas
e cantadas*

por ígnotos Poetas pobrezinhos...

Sol estridente e imorredoiro...

Moços e môças a bailar nas eiras...

*O Oceano a namorar a costa de Oiro,
o Luar namorando amendoeiras...*

*Uma vela que passa, na distância,
acorda o Génio, a tara da Aventura.*

*Surgem logo a Quimera, o Sonho, a Ansia
de partir,
de fugir,
de ir à procura!*

Algarve!

*Todo o complexo humano desta gente
quem há que o dê? — Quem há que no-lo
diga?*

*... (Almas que encaram a morte frente-
a-frente
e choram a escutar uma cantiga)...*

*Bêrço de Heróis, de Santos e de Artistas
Terra-Legenda dum País fecundo...*

*Alma das Descobertas e Conquistas,
Povo-Padrão dos Mares e do Mundo!...*

PORTIMÃO Maio — 1938

MISERICORDIAS

Por JACQUES NEVES

Devem as Misericórdias a iniciativa da sua fundação em Portugal à caridade magnânima de uma Senhora genuinamente portuguesa pelo nascimento, figura histórica do mais aprimorado relêvo pela estirpe e pelo coração pleno de acrisoladas virtudes, que dedicando uma grande parte da sua existência a espalhar o bem e a suavizar as agruras da vida dos necessitados, deixou perpétuamente o seu excelso nome ligado à mais meritória obra de assistência da sua Pátria, onde tanto sofreu, que tanto amou e bem serviu.

Foi essa Senhora a rainha D. Leonor de Lencastre, filha do Duque de Aveiro, D. Fernando, casada em 1471 com seu primo D. João II Rei de Portugal.

Dessa grandiosa e benemérita obra de assistência, protecção e amparo na doença aos necessitados profusamente espalhada pelo País, a sua primeira realização representada por um estabelecimento pio, efectivou-a fundando o Hospital das Caldas da Rainha, seguindo-se-lhe a fundação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e depois muitas outras orientadas na mesma caritativa finalidade, entre as quais se conta a de Lagos levada a efeito em 1498.

Seria para desejar que tão prestimosas instituições, daíla a sua humanitária missão, disposessem de recursos financeiros que lhes permitissem tornar os seus socorros extensivos ao maior número de infelizes não só na doença, como em tantas outras emergências em que a caridade pública tem o dever de intervir e velar pela situação económica e social das classes desfavorecidas da sorte. Infelizmente tal não é possível, tornando-se os subsídios semestrais estipulados pelo Estado insuficientes para a manutenção dos seus estabelecimentos hospitalares e outras modalidades, que por prodígios de dedicação das suas Direcções algumas delas mantem, valendo-lhes

assiduamente e generosidade dos benfeitores. Está nêstes casos a Santa Casa da Misericórdia de Lagos que mantem um hospital, uma consulta externa e banco de curativos para pobres, hospital que foi primitivamente instalado numas dependências da igreja da Misericórdia, instalação porém tão exígua que levou a Direcção que em 1834 presidia à sua gerência, a pedir ao Ministério da Guerra lhe cedesse o antigo palácio dos Governadores, o que lhe foi concedido.

Por longo tempo e difficilmente fôram levadas a efeito algumas obras de adaptação tendo largamente contribuído para o seu acabamento a generosa Senhora D. Maria Júdice Biker de Canhete que a expensas suas dotou o hospital, entre vários outros benefícios, com uma enfermaria para homens.

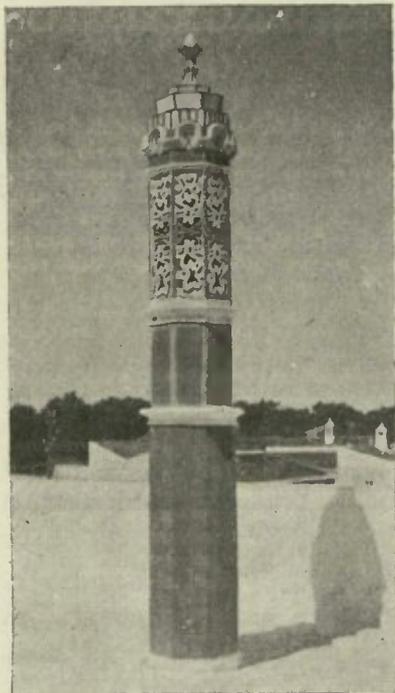
Foi êste estabelecimento hospitalar inaugurado em 1886 tendo as suas successivas Direcções até hoje diligenciado introduzir-lhe várias melhorias e providenciar ao seu devido apetrechamento de forma a pô-lo em condições de tornar quanto possível eficiente a sua actuação.

Segundo consta, pretende a actual Direcção dotá-lo com importantíssimos melhoramentos, como uma nova sala de operações, instalação de Raio X, etc., mas tal não se consegue sem o dispêndio de avultados recursos, para a obtenção dos quais se pensa em organizar durante uma semana intitulada a Semana da Misericórdia, um ciclo de festas que certamente obedecerão ao interessante e duplo objectivo de animar a vida cidadã e angariar receita.

Tão louvável e útil iniciativa não deixará de merecer o aplauso dos lacobrigenses e óxalá a meretíssima Direcção da Santa Casa da Misericórdia encontre na população desta cidade o auxílio necessário para que os seus esforços sejam coroados de bom êxito e satisfeitas as suas altruistas aspirações.

«Chaminé algarvia»

Concurso Fotográfico



Conforme prometemos nos dois últimos números desta Revista, abrimos hoje um interessante concurso que visa a manter o gosto artístico e a tradição da chaminé algarvia, e a obter o maior número possível de exemplares diferentes, para que se possa fazer como que o início de um inventário das chaminés existentes no Algarve.

As condições estabelecidas são as que se seguem, diferentes um pouco das previstas no nosso número de Abril, por razões diversas a que foi necessário atender,

- 1.º — Ao Concurso Fotográfico da «Chaminé Algarvia» podem concorrer todos os fotógrafos, amadores e profissionais, residentes ou não na Província do Algarve;
- 2.º — As fotografias deverão apresentar nitidamente exemplares de chaminés algarvias do tipo urbano, em alvenaria, e devem ter sido tiradas pelos concorrentes;
- 3.º — Os concorrentes podem apresentar qualquer número de fotografias, mas de exemplares diferentes, de chaminés algarvias;
- 4.º — A inscrição neste concurso é gratuita;
- 5.º — As fotografias não devem ser de formato inferior ao de postal;
- 6.º — Cada fotografia deverá trazer no verso, o nome e direcção do concorrente e a identificação da chaminé, pela seguinte forma:
 - a) proprietário da casa onde existe a chaminé fotografada;
 - b) rua e número da casa;
 - c) localidade;
- 7.º — As fotografias, para efeitos de exposição, serão todas numeradas e apresentadas ao público identificadas pela sua localização e propriedade, e pelo seu número de ordem no concurso;
- 8.º — Haverá 3 classes de prémios;
 - a) prémio de quantidade,
 - b) prémio da mais típica chaminé algarvia,
 - c) prémio da mais artística fotografia.
- 9.º — O prémio de quantidade, constituído por uma caixa de 12 garrafas de Vinho do Porto «Sandeman-Partners», será concedido ao concorrente que apresentar maior número de fotografias de chaminés de localizações diferentes
 - a) No caso de mais de um concorrente apresentar igual número de fotografias, o prémio será atribuído àquele que, com os seus trabalhos, tiver abrangido documentos da mais extensa zona da Província do Algarve;
- 10.º — O prémio da mais típica chaminé algarvia, será arbitrado por votações dos visitantes à Exposição, que indicarão em boletim de voto que lhe será fornecido à entrada, um número que corresponderá, em sua opinião, à fotografia que represente a chaminé de construção mais típica e representativa da chaminé algarvia. Os votos serão lançados em urna selada que será aberta após o fecho da exposição por um júri que oportunamente será escolhido; Este prémio será constituído por 1 caixa de 12 garrafas de Vinho de Porto «Sandeman-5 Estrelas».
- 11.º — O prémio da mais artística fotografia, constará de 1 caixa de 6 garrafas de Vinho do Porto «Sandeman-5 Estrelas»;
- 12.º — A classificação dos concorrentes nas condições do n.º 9 e 11, e o apuramento dos votos indicados pelo n.º 10 será feito pelo júri acima indicado;
- 13.º — Todos os trabalhos devem ser entregues ou enviados à Direcção desta Revista — Rua Dr. Joaquim Tello, n.º 42 — Lagos — até dia oportunamente anunciado.
- 14.º — Ainda será concedido ao proprietário da casa onde exista a chaminé premiada — como sendo a mais típica chaminé algarvia — uma assinatura gratuita da Revista «Costa de Oiro», por um ano; e conferida «Menção Honrosa» com a publicação da sua fotografia nesta Revista, aos concorrentes que não tendo obtido qualquer dos prémios já indicados, sejam reconhecidos, pelo júri, mercedores dessa distinção;
- 15.º — Todas as fotografias que forem admitidas neste concurso ficam sendo propriedade desta Revista.

Os prémios representados por garrafas de Vinho do Porto — da afamada marca «Sandeman» — devem-se à gentileza do Sr. Alvaro de Lacerda, inteligente Representante, em Lisboa, da importante e acreditada Casa Inglesa Geo. G. Sandeman, Sons & C.ª Ltd. grande amigo desta Revista, que nos tem prestado valioso auxílio moral e material.

CIENCIA E CULTURA

PLANTAS CARNÍVORAS

O Museu de História Natural de Paris colleccionou, das mais remotas partes do mundo, estranhas plantas que comem carne. Estas plantas que se alimentam de substâncias carnosas, de môscas, mosquitos e de outros insectos, fôram classificadas pelos cientistas francezes em dois grupos diferentes, segundo os órgãos digestivos e os métodos para se apoderarem dos alimentos.

Chegou a demonstrar-se que algumas destas plantas se podem alimentar à mão e que devoram pequenos bocados de carne. Nesta colleção inclui-se a família das *Utricularias* e ainda as *Venus*, caçadoras de môscas, e muitas outras com denominações latinas.

Algumas possuem certas cavidades, onde poisam, descuidados, os insectos, que immediatamente são feitos prisioneiros e comidos pelas plantas. Outras colhem o alimento por meio de um liquido pegajoso. Quasi todas estas plantas fôram colhidas em pântanos e sitios húmidos, que parece serem a sua habitação natural.

Uma das plantas mais curiosas, estudadas pelo Museu, pertence ao género *Nepenthes*, do qual se trouxeram muitas variedades dos terrenos pantanosos da Nova China, Nova Caledónia, Madagascar e Cochinchina. Possuem fôlhas em forma de jarro. As suas flores são matizadas de amarelo, púrpura e roxo e no seu interior tem glândulas que segregam um mel de suave perfume que atraí os insectos.

O insecto incauto prova o mel e aventura-se a penetrar mais dentro do pequeno jarro, onde a sua presença determina a secreção dum liquido que afoga o descuidado e determina a digestão pela planta. Pouco a pouco a planta absorve o alimento ingerido. Quando um destes jarros recebe uma razão demasiadamente grande e não pode realizar normalmente a função digestiva, dão-se, na planta carnívora, desarranjos semelhantes aos que se dão no estômago dos animais. A planta *Venus*, caçadora de môscas, pertence à família das *Droserárias*. Tem fôlhas com bordos denteados. Quando um insecto poisa sobre um destes lóbulos, immediatamente os dentes se fecham, encaixando uns nos outros.

O insecto encontra-se preso num estômago, do qual não há saída. Determina-se, immediatamente, a secreção e o insecto é digerido em quinze minutos. Além destas plantas carnívoras, o Museu tem outro exemplar de planta muito curioso que, segundo parece, faz ela própria as suas operações cirúrgicas. Esta planta é a *Cerofagia*, que nasce com abundantes fôlhas, mas que as corta, se assim é necessário, quando há seca e não pode obter a água em quantidade sufficiente para todas as suas fôlhas.

AS PLANTAS PSÍQUICAS

DO MÉXICO

O professor Victor A. Reno, membro da academia das Ciências do México, acaba de publicar na Alemanha uma obra sobre os estupefacientes, cuja acção está ligada a certos fenómenos de ordem psíquica: *Ololiuqui*, planta que hipnotiza; *Pejolt* cacto que permite ver os invisíveis; *Mahihuana*, o «haschich» mexicano; *Toloachi*, um afrodisíaco; *Ayahuasca*, a bebida que dá sonhos horripéis;

Colorines favas vermelhas de poder mágico; *Sinicuichi* beberagem que procura o esquecimento; *Coltzic-zaapote*, um fruto que impele a gesticular e a dançar; *Nanacalt*, o cogumelo do êrro; *Komil-Xihuile*, que faz ver através dos túmulos; *Camotillo*, raiz que permite a predição do dia da morte; etc

A obra foi editada pela casa Fernando Enke, de Stuttgart.

C A M Ô E S

(continuação)

ao aplanar, à custa do seu sangue generoso e retintamente português, o caminho para a obra de ressurgimento pátrio a que estamos assistindo. Foi esse mesmo fogo sagrado que viveu intenso no coração de Carmona ao proclamar com o desassombro mais fidalgo e mais generoso e mais nobilitante a justiça que assistia áqueles que, indignados pelo descalabro que lavrava infrene nestas terras de Afonso Henriques e de Nun'Alvares, se revoltavam contra os que, não sabendo ser portugueses, nos amesquinhavam e nos perdiam. Alunos: eu vejo aqui duas bandeiras. Uma que é vossa e que é minha: a nossa bandeira. E outra que é só vossa porque é só de gente moça. Ao contemplar a vossa bandeira, eu quero ver nela a garantia de que vós, filhos, sereis a bem nascida segurança desta obra magnífica de Salazar que nos está a dar o Portugal que nós, portugueses, desejamos e queremos. Estas duas bandeiras, a nossa e a vossa, hão de representar sempre a mesma pátria, hão de simbolizar sempre os mesmos ideais, hão de defender sempre as mesmas fronteiras. E, se a nossa bandeira, sempre vencedora, fez do nosso pequenino Portugal uma das maiores nações do mundo, necessário é que vós embebeis a vossa alma, alma de gente moça, alma lavada, aberta a tudo o que é generoso e nobre, da doutrina nacionalista de Salazar para que tenhais o orgulho, o supremo orgulho de ver esvoaçando ao lado e ao mesmo nível da nossa bandeira sempre vencedora a vossa bandeira sempre vencedora.

N O T I C I A R I O

Estão projectadas para os dias 4 a 12 de Setembro do corrente ano, grandiosas festas a favor do Hospital da Misericórdia desta cidade, tendo já sido nomeadas diversas comissões para tratarem das diversões desportivas, das festas religiosas, das ornamentações, da propaganda, etc. No próximo número daremos mais detalhes sobre este assunto.

NO dia 11 do corrente tivemos ocasião de apreciar o Sarau Infantil realizado no Club Artístico Lacobrigense em que tomaram parte um grupo de pequenos amadores desde os 4 aos 14 anos e algumas senhoras e senhores daquela Sociedade de recreio, dirigidos superiormente pelo sr. Sebastião Dias Murtinheira

Como o espaço de que dispomos é exiguo, não nos podemos alongar em apreciações, contudo não queremos deixar de afirmar que foi uma festa encantadora, tendo-se distinguido, na sua precoce intuição artística, algumas das crianças estreadas.

Agradecemos o convite.

PANORAMA é o titulo dum novo livro de Manuel Anselmo, distinto escritor e critico de reconhecido mérito.

Agradecemos o exemplar que nos ofertou e, no próximo número apreciaremos em detalhe esta obra, a primeira que no género — crónicas e impressões — o talentoso autor da *Antologia Moderna* publicou.

A Administração Geral dos Correios e Telégrafos e Telefones, pelos seus serviços de Publicidade e Propaganda, editou uma artística «plaquette» de divulgação das novas taxas telegráficas entre continente e os territórios do nosso Império, que teve a gentileza de nos oferecer.

PEDIMOS a atenção da Administração Geral dos C. T. T. para a falta, que se faz sentir, de telefone para Vila do Bispo, Sagres e Aljezur, cuja instalação seria de grande vantagem turistica e comercial.

NA tarde de 26 do corrente visitou Lagos o sr. General Casimiro Teles, Comandante Geral da Guarda Fiscal e da Legião Portuguesa, acompanhado do 2º Comandante da G. F. sr. Tenente Coronel Alvaro Pacifico de Oliveira e do seu ajudante sr. Tenente Duarte Silva.

POR ocasião da sua visita ao Comando Distrital da Legião Portuguesa e ao seu Nucleo local foi prestada a guarda de honra por uma lança do Batalhão n.º 25 desta cidade sendo-lhe oferecido numa das salas do referido Comando um «Porto de Honra».

DE passagem para Lisboa, esteve nesta cidade, o nosso particular amigo sr. tenente Basilio M. Nobre Marreiros, que faz serviço na Carreira de tiro de Pedrouças.

PARTIU para Angola, o sr Tenente João Rocha de Abreu com sua Esposa, sr.ª D. Julieta Ferreira Canelas Rocha de Abreu, naturais desta cidade.

TAMBEM seguiu para Cabo Verde com sua familia, o 1.º sargento sr. Manuel Canhão, que há muitos anos residia nesta cidade.

REALIZOU-SE, há poucos dias, em Lisboa, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da nossa conterrânea sr.ª D. Julieta Velhinho Pereira com o Alferes de Infantaria sr. José Manuel Nobre de Carvalho que vão fixar residência na India portuguesa.

REGRESSARAM da Itália os srs. Paolo Cocco, industrial nesta cidade, e seu filho sr. Dr. Michele di Cocco.

REGRESSOU das Caldas de Monchique, onde esteve fazendo cura de águas, a sr.ª D. Josefa Formosinho Tello, esposa do sr. Dr. António Guerreiro Tello, distinto clinico lacobrigense.

SEGUIU há alguns dias, para Abrantes, em gôzo de férias, o nosso particular amigo e colaborador sr. Dr. José Formosinho e sua Ex.ª Esposa.

A Comissão de Turismo de Albufeira está empenhada na organização das tradicionais festas da que, como nos anos anteriores, terão lugar no mês de Setembro.

O grupo cénico da Sociedade Fraternidade Recreativa, de Portimão, realizou no dia 27 do corrente, no Cine-Teatro Ideal, um espectáculo com a interessante revista «Fitas Faladas», da autoria do nosso amigo e colaborador, sr. João Braz, distinto poeta algarvio.

NA nossa baía fundearam no corrente mês de Junho numerosas unidades das marinhas de guerra Francesa e Alemã.

NA noticia que demos no número anterior do espectáculo realizado, na Sociedade Lacobrigense, pelas Senhoras de Caridade, não indicámos, por lapso, os senhores Afonso de Freitas Albuquerque e Dr. José Cabrita como tomando parte no referido espectáculo.

**V I S A D O P E L A
C O M I S S Ã O D E C E N S U R A**

Maquinas de escrever

ROYAL

Adoptadas pelo Governo Português

Maquinas de somar «Victor»

Maquinas de endereçar — Duplicadores

Livros de Folhas Soltas—Material para organizações commerciaes, industriaes, agrícolas, serviços públicos, hospitais, consultorios, etc., etc.

Modelos desde Esc. 1.108\$00

Maquinas de calcular «Facit»

Classificadores e Ficheiros

Sociedade Comercial Luso - Americana, Ltd^a.

Rua da Prata 141 a 147 — Telefones 22102 e 25281

L I S B O A

Agente em Lagos: João Duarte Dias

Pintor - Decorador

Armando Gonçalves

agente no Algarve das tintas inglezas

« **GOODLASS** »

comunica aos seus estimados clientes e amigos que tem à sua disposição um artista de Lisboa, especializado em decorações e pinturas a liso, exteriores e interiores.

Assim, os produtos inglezes «GOODLASS», já muito conhecidos em Faro e restantes localidades da Provincia, ficam mais valorizados de futuro pela sua consciante aplicação, da qual resultam não só maior embelezamento como maior duração das pinturas.

Pedir orçamentos:

Rua 1.º de Dezembro, 22, 26 — FARO
Telefone, 27

ASEPTOGINIA HIGIENE

Não é um medicamento, mas sim um elemento indispensável na Higiene íntima das Senhoras.

De cheiro muito agradável, não produz manchas no roupa, podendo ser empregada sem qualquer resguardo

COMPANHIA PORTUGUESA HIGIENE

LABORATÓRIOS, 13 Rua VIRIATO 17

FARMÁCIA ESTACIO, 60 — ROSSIO — 63

————— Lisboa —————

A MARISQUEIRA

É a casa que melhor confecciona todos os mariscos da região, acompanhados com ótimo vinho da **CASA ALTA**

—————
Rua Afonso de Almeida — LAGOS



Lagos

Costa de oiro.

com o melhor clima e as
mais encantadoras paisagens.



o encadeamento das suas praias de fina areia e sereno mar, e a vastidão da sua baía, muito visitada pelas esquadras estrangeiras é o enlevo de tódas as pessoas que aqui passam a Estação balnear.



arredores admiráveis para organização de passeios.



concertos públicos e cinema, 2 vezes por semana, além de outras diversões.



a 2 quilómetros a aprazível Ponta da Piedade, e a 33 quilómetros a histórica Vila do Infante (Sagres).



em Lagos o custo da vida é o mais baixo de todas as praias do País.



PENSÕES

(A preços económicos)

MICUELINA ■ **FERNANDA**
RESTAURANTES

ARCÁDIA ■ **SERRENHO**

Durante a época balnear são alugadas casas mobiladas a preços módicos.



Tódas as informações são prestadas na Comissão Municipal de Turismo, Rua Dr. Oliveira Salazar, n.º 31 — Telefone n.º 47 — onde são fornecidos valiosos folhetos aos interessados.

"COSTA DE OIRO"

é composta e impressa na

* Tip. Ferreira — Lagos *